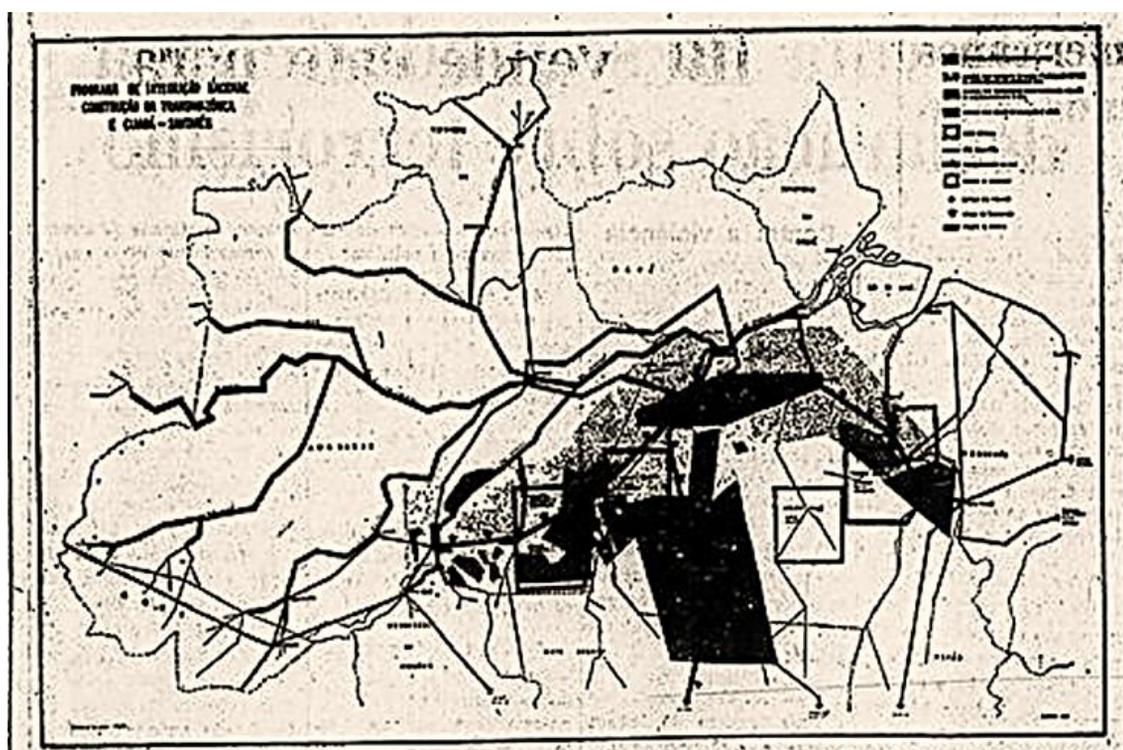


KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

A Exploração da Amazônia e Seu Impacto Socioambiental: Décadas de 1970, 2010 e 2020



Mapa do programa de integração nacional com a rota da rodovia Transamazônica. *Correio da Manhã*, 2 de outubro de 1970.

Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_08&Pesq=%22ouro%20na%20Amaz%C3%B4nia%22&pagfis=12370. Acesso em: 12 de junho de 2023.



KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

**Material didático criado e organizado ao longo das aulas na
Disciplina - Ensino de História: Teoria e Prática - 2023**

Professora:

Prof.^a Dr.^a. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitora:

Lorena Sayuri Nakashima

Estudantes

Adriana Mendes Diogo - 6837071

Dirceu Almeida Pires - 11770309

Lucas William Negri Machado - 12687281

Marienne Cavalcante de Faria - 13647660

Vanda Lúcia Lima de Araújo - 10832268

Funcionário Administrativo:

Marcos Antonio de Oliveira



**Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2023**

LISTA DE DOCUMENTOS

1. Pronunciamento feito por Emílio Garrastazu Médici, em Manaus, na Reunião Extraordinária da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em 08 de outubro de 1970. Disponível em: [8 de outubro de 1970 - Sob o signo da fé - discurso proferido em Manaus, na Reunião Extraordinária da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, SUDAM — Biblioteca \(presidencia.gov.br\)](#). Acesso em: 15 de junho de 2023.
2. “Ferro, Estanho e Ouro: A Amazônia Vai Ficar Rica”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1970. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_08&Pesq=%22ouro%20na%20Amaz%c3%ba%20nia%22&pagfis=12370. Acesso em: 12 de junho de 2023.
3. Carta-manifesto contra a mineração em terras indígenas, assinada pelos líderes dos povos Kayapó, Munduruku, Yanomami, Ye'kwana e Xikrin, em 2021. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/2021/08/povos-da-amazonia-assinam-carta-contra-o-garimpo-ilegal/>. Acesso em: 12 de junho de 2023.



4. Propaganda da SUDAM sobre o aumento de pastos na Amazônia. **Jornal o Globo**, 1970. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/10/25/por-que-tem-tanto-gado-na-amazonia.ghtml>. Acesso em: 17 de junho de 2023.
5. PAJOLLA, Murilo. “Com Bolsonaro, o Desmatamento da Amazônia Cresce 150%, Pior Marca Já Registrada Pelo Imazon”. **Brasil de Fato**, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/20/com-bolsonaro-desmatamento-na-amazonia-cresce-150-pior-marca-ja-registrada-pelo-Imazon>. Acesso em: 17 de junho de 2023.
6. Memórias Invisíveis: A Construção da Transamazônica segundo os Relatos dos Povos Indígenas do Sul do Amazonas. Comissão da Verdade, 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/11026>. Acesso em: 15 de junho de 2023.
7. Manifesto de indignação e repúdio das organizações populares, sindicais de Altamira e região ao presidente da Assembleia Legislativa do Pará: “o desenvolvimento que queremos” - Altamira-PA, 29 de abril de 2002. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org>. Acesso em: 15 de junho de 2023.



8. Propaganda do livro *Vítimas do Milagre: O Desenvolvimento e os Índios do Brasil*, de Shelton H. Davis. **Jornal de Caxias**, 18 de novembro de 1978. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&Pesq=%22Ind%c3%adgenas%20na%20Amaz%c3%b4nia%22&pagfis=8551>. Acesso em: 12 de junho de 2023.
9. PEIXOTO, Fabrícia. “Linha do Tempo: Entenda Como Ocorreu a Ocupação da Amazônia”. **BBC**, 2009. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/07/090722_amazonia_timeline_fbd#integrar. Acesso em: 10 de junho de 2023.
10. “Os Povos da Floresta”. **Instituto Sociedade, População e Natureza**, s.d. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/>. Acesso em: 05 de junho de 2023.
11. ARAGÃO, Tainá. “Estudo Comprova Que Povos das Florestas”. **Instituto Socioambiental**, 2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/estudo-comprova-que-povos-indigenas-e-tradicionais-sao-essenciais-para#:~:text=Os%20resultados%20mostram%20que%20os,do%20total%20de%20florestas%20nacionais>. Acesso em: 12 de junho de 2023.



LEITURA DOS DOCUMENTOS

Este kit didático objetiva, primeiramente, apresentar a permanência, em uma longa temporalidade, de um discurso que caracteriza a floresta amazônica como um “todo genérico”, atrasado, e cercado de exotismo, que, em outras palavras, seria um ambiente cuja ausência suscita que seja integrado à “civilização”. Tal necessidade de “integração” da Amazônia ao Estado brasileiro ecoa também no tratamento e na visão que este possuía sobre os povos indígenas. Sem esquecer que tais visões se modificam ao longo do tempo e ganham diversas nuances, o seu caráter mais significativo é o de buscar integrar o indígena ao Estado. Portanto, é como se os povos indígenas estivessem em um “estado intermediário”, um meio termo entre “natureza” e “cultura”, “barbárie” e “civilização”.

Em segundo lugar, busca pluralizar as vozes do discurso sobre a floresta e seus povos, trazendo a própria visão dos indígenas sobre esses processos, buscando desabilitar essa ideia de que estariam em um “degrau abaixo” da civilização. Procura ressaltar a diversidade de seus habitantes, para além de desmistificar certos aspectos a seu respeito que se cristalizaram no senso comum. Acreditamos que esse aspecto seja importante justamente porque proporciona ferramentas para o aluno construir um conhecimento plural que inclua os discursos “nativos” da Amazônia.

Um exemplo pertinente de ser mencionado é a ideia de que a Amazônia é uma mata “virgem”, ausente de qualquer ação antrópica, algo que se perpetua até hoje e que já sabemos tratar-se de um equívoco. A ocupação milenar da Amazônia pelos ameríndios a transformou em um ambiente, direta ou indiretamente, “antropogênico”, produto cultural dos povos que plantam espécies não domesticadas que prosperam após os campos de cultivo serem abandonados. Isso cria um ciclo de renovação de tais campos que agora não seriam mais “naturais” (DESCOLA, 1999,

p.115). Se por um lado isso comprova que a imagem de uma “mata indomável” não condiz com a realidade, por outro, temos aqui a ampliação dos horizontes de referências dos estudantes a novas epistemologias e formas de conviver com a natureza, a saber, aquela dos indígenas. Ainda que eles não se enquadrem nos princípios predeterminados da “civilização”, demonstra-se como a relação que possuem com o meio ambiente é singular e envolve um equilíbrio maior do que a noção de progresso ocidental repercute. Sem, no entanto, confundir "equilíbrio" com inércia, uma vez que a própria atividade desses povos construiu a floresta.

Por fim, objetiva-se demonstrar como esse discurso justifica a criação de projetos de exploração e intervenção na região pelo governo, procurando destacar a longa duração de tais eventos e suas consequências no Brasil. Logo, fornecemos ao professor ferramentas que deem conta dessa longa temporalidade do discurso integracionista e da exploração socioeconômica na Amazônia a partir de um recorte que, de um lado foca no período da ditadura militar, mais especificamente nos anos 1970 que envolvem a construção da Transamazônica e as chamadas “grandes obras” da ditadura no período comumente conhecido como “Milagre Econômico” (1969-1973), caracterizado por expressivo crescimento econômico do país, ressaltando o aspecto predatório que tais atividades tiveram na floresta; de outro, apresentaremos também como essas políticas e visões exploratórias continuam em voga até hoje, a partir de exemplos dos últimos anos no Brasil. Dessa maneira, pretendemos destacar as consequências pelo modo como esse ideal de progresso e inclusão da Amazônia à “civilização” foi implementado, procurando mobilizar o aluno a discuti-las.

Além desses objetivos mais específicos, procuramos com esse kit estimular ao aluno a prática de leitura e análise de fontes históricas, bem como a formulação de sua crítica. Para isso, trouxemos fontes que permitam

aos estudantes o contato com diferentes visões sobre a Amazônia e os processos de exploração, destruição e integração.

A primeira fonte utilizada é um pronunciamento proferido em Manaus pelo presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), em 1970, quando do início das obras da Transamazônica, onde observa-se claramente o imaginário integracionista e a visão de uma terra a ser “trazida à civilização” pelo seu autor. Esse documento é representativo da ideia de que era necessário levar o progresso para a “floresta”, e da visão dela como um “todo genérico”.

A segunda fonte é uma notícia do *Correio da Manhã*, de 1970, tratando exatamente do garimpo na região Amazônica e como a lógica de exploração do garimpo se assemelha à leitura que Médici tem da Amazônia. Procuramos, assim, demonstrar como o discurso se associa à prática exploratória e intervencionista.

Pensando nas permanências dos impactos socioambientais desse garimpo em um longo intervalo de tempo, contrastamos essa fonte com uma terceira que é uma carta contra o garimpo assinada, em 2021, por diversas etnias indígenas e que, além de tudo, denuncia a visão que o governo tem da figura dos indígenas. Dessa maneira, contrastamos dois períodos para que o estudante possa notar as permanências dessa prática.

A quarta fonte é uma propaganda de jornal da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), de 1971, em que descreve os benefícios do avanço da pecuária na região amazônica. Procuramos mostrar outra frente da exploração ambiental na Amazônia, na mesma linha do garimpo, por exemplo.

Em contraste com ela, escolhemos uma notícia do veículo *Brasil de Fato*, de 2022, que traz justamente o aumento do desmatamento nos últimos anos da região em decorrência de décadas de devastação para a

pecuária. Contrastando este documento com o anterior, também gostaríamos de mobilizar os alunos para notarem a longa duração das atividades exploratórias e suas consequências a longo prazo.

Depois, trabalhamos com o depoimento de um representante do povo Tenharim proferido à Comissão da Verdade, em 2013, no qual relata a memória guardada das consequências que a construção da Transamazônica teve para sua etnia. Essa fonte busca pôr em questão a ideia de progresso trazida pela propaganda da Transamazônica e as consequências da exploração socioambiental para as comunidades indígenas. E assim, também queremos que o estudante pluralize sua visão sobre o progresso e seja capaz de criticá-la a partir de outras experiências, quais sejam, dos indígenas.

Em seguida, escolhemos o Manifesto de indignação e repúdio das organizações populares, sindicais de Altamira e região dirigido ao presidente da Assembleia Legislativa do Pará, em 2002, no qual denunciam as consequências socioambientais das obras na região, em especial da etnia indígena Waimiri-Atroari. Com o documento, pretendemos complementar o anterior, trazendo, para além dos indígenas, novos atores sociais engajados no combate à visão de progresso e de suas consequências ambientais. Nesta mesma linha argumentativa, extraímos de um jornal o anúncio do livro *Vítimas do Milagre*, de Shelton H. Davis, cujo objetivo é mostrar os impactos sociais do chamado “Grande Milagre Econômico” para os povos indígenas da Amazônia.

O próximo documento é uma notícia de 2009, que traz uma linha do tempo da ocupação da Amazônia e seus “ciclos” econômicos, bem como a descrição das pessoas que para lá foram. Assim, buscamos preencher esse território com pessoas, sujeitos, agentes e aumentar as leituras que podem ser feitas sobre essa ocupação. Nesse mesmo sentido, o nosso

décimo documento é um levantamento da demografia da região amazônica, dando destaque para as populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas que nela habitam até hoje. Com esses dois documentos, procuramos pôr em dúvida a ideia de que a Amazônia é um vazio populacional, retórica presente no discurso sobre a região que visa “integrá-la”.

Por fim, ele é o resultado de um estudo do *Instituto Socioambiental* (ISA), de 2022, que comprova a importância do papel dos povos tradicionais em preservar a natureza, e além disso, demonstra que a floresta, contra o senso comum, não é de todo modo “natural”, ou seja, fora alterada pelos povos que há séculos nela habitam. Assim, procuramos pluralizar o discurso e as possibilidades de interpretação da região amazônica e dar aos estudantes subsídios para melhor conhecer e interpretar a temática.

Bibliografia

DESCOLA, Philippe. “A Selvageria Culta”. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A Outra Margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.107-123.

PROPOSTA DIDÁTICA

DOCUMENTO 1

- 1) Quem fez essa fala? Podemos considerá-la um discurso? Justifique.
- 2) Em qual local e data essa fala foi proferida? Havia algum motivo para este pronunciamento ter sido feito nesse local?
- 3) A quem essa fala se dirigiu? Por que Médici estava falando com esse público?
- 4) Por que, embora na Amazônia tenham ocorrido muitas atividades econômicas, na visão de Médici, ela ainda não tinha encontrado sua vocação econômica?
- 5) O que seria, de acordo com o texto, uma vocação econômica para a Amazônia?
- 6) O que era ser nacionalista para Médici e de que modo esse nacionalismo, segundo ele, era benéfico para o Brasil?
- 7) Para Médici, por que a Amazônia e o Nordeste eram atrasados? O que, para ele, fazia dessas regiões atrasadas em comparação com o restante do Brasil?
- 8) De acordo com Médici, o que faltava para a Amazônia encontrar sua vocação econômica e tornar-se relevante no cenário nacional? Como o governo de Médici pretendia contribuir para isso?
- 9) De acordo com as palavras de Médici, o que a rodovia Transamazônica representava para ele e seu governo?
- 10) Na visão de Médici, quais seriam os benefícios que a rodovia Transamazônica traria para a Amazônia? Por que ela era tão importante para eles?
- 11) Onde a construção da Transamazônica seria iniciada? Por que aquele local teria sido escolhido?

12) Pensando na construção da Transamazônica e o que está sendo informado no discurso, quais seriam as intenções de Médici ao proferir tais palavras?

13) Médici considerou em seu discurso os impactos ambientais? Justifique?

DOCUMENTO 2

- 1) Em qual ano foi publicado o documento e em qual jornal?
- 2) Quem solicitou as pesquisas sobre a localização de reservas minerais na Amazônia?
- 3) Como a exploração dos minérios amazônicos (documento 2) se encaixa no discurso de Médici sobre a Amazônia (documento 1)?
- 4) Em quais locais foram encontradas as jazidas de minerais? Quais foram os minerais encontrados?
- 5) Qual mineradora já estava instalada na Amazônia?
- 6) A qual rodovia a reportagem faz menção? Qual é o seu percurso?
- 7) A reportagem tem uma visão negativa ou positiva sobre a implantação da mineração na Amazônia?
- 8) Ao analisar a carta dos povos indígenas e a reportagem “Ferro, estanho e ouro: a Amazônia vai ficar rica” (documento 2), você diria que a Amazônia enriqueceu com a mineração? Comente.

DOCUMENTO 3

- 1) Qual ano foi produzido o documento?
- 2) Quais são os povos indígenas citados no documento? Em que região eles vivem?
- 3) A quem se destina essa carta?

- 4) Você já tinha ouvido falar de algum desses povos? Em caso afirmativo, qual foi o contexto em que você ouviu falar deles?
- 5) Qual o objetivo dessa carta?
- 6) Por que as lideranças indígenas não queriam o garimpo em suas terras?
- 7) Como o mercúrio é usado no garimpo e quais os malefícios que ele traz ao meio ambiente e à saúde das pessoas?
- 8) Segundo apontado no documento, o que a floresta e os rios representam para as populações indígenas que nela vivem?
- 9) Qual é a visão do governo sobre os povos indígenas?
- 10) Como a visão apresentada pelos povos indígenas na carta de repúdio ao garimpo (documento 3) se articula com a visão que se tem da região amazônica e que se pode observar no discursos de Médici, são semelhantes?
- 11) Podemos dizer que as denúncias feitas pelas lideranças indígenas receberam atenção das autoridades e da sociedade?

DOCUMENTO 4

- 1) Em que ano o documento foi publicado?
- 2) Qual era o governo da época?
- 3) Qual o gênero textual do documento?
- 4) Quem é o autor do documento?
- 5) A quem é destinado o conteúdo?
- 6) A qual projeto ele se refere e quem o financiava?
- 7) De acordo com o texto, onde fica localizado o maior pasto do mundo?
- 8) Qual a expectativa para o futuro e como ela pode ser benéfica para o criador de gado?
- 9) A criação de gado na Amazônia era vista como algo positivo?

10) A partir do documento com as sugeridas vantagens econômicas da pecuária e o incentivo à criação de gado, qual é a ideia que o governo queria passar com a propaganda da SUDAM?

11) Como essa ideia pode ser relacionada com a noção de progresso durante a ditadura militar?

DOCUMENTO 5

1) Quando e por quem a reportagem foi publicada?

2) Qual a fonte da imagem e o que a legenda nos informa?

3) Descreva a imagem e como ela se relaciona com a reportagem.

4) Quais os desafios para os novos governos?

5) Quais estados dominam os índices de desmatamento?

6) O que a sigla “Amacro” significa? Por que ela é citada na reportagem?

7) O que significa a sigla “Imazon”? O que esse instituto faz?

8) De acordo com a reportagem, o que favoreceu o crescimento do desmatamento?

9) Qual a relação entre a pecuária, nesta reportagem, e o desmatamento apresentado na propaganda da SUDAM (documento 4)?

10) Como os dois textos abordam a questão do desmatamento?

11) Analisando o discurso presente na reportagem, quais os problemas ambientais provocados pela criação de gado na Amazônia?

12) As questões abordadas nos documentos ainda existem no Brasil? Comente e exemplifique.

DOCUMENTO 6

- 1) Quem fez os depoimentos acima? Quais eram as intenções daquele/s que fez/fizeram esses depoimentos?
- 2) Em qual momento e onde esse depoimento foi proferido?
- 3) A qual região pertence o povo indígena representado no texto acima? Você conhece ou já ouviu falar desse ou de outros povos indígenas?
- 4) Segundo a fonte, quais foram as consequências da construção da Transamazônica para o povo indígena mencionado no documento? Essas consequências foram boas ou ruins para este povo? Justifique.
- 5) De acordo com essa fonte, de que forma os indígenas participaram da construção da Transamazônica? Eles eram remunerados ou tinham algum benefício por seu serviço? Comente.
- 6) Com base na leitura da fala do Médici (documento 1) e do depoimento da atual fonte, responda as questões abaixo:
 - a) Podemos dizer que todos os participantes da construção da Transamazônica contaram com um sistema de proteção da vida humana, conforme prometeu Médici? Justifique.
 - b) Você acredita que a vida humana foi preservada e respeitada quando a rodovia Transamazônica foi construída? Por que?

DOCUMENTO 7

- 1) Quem escreveu esse manifesto? Com que propósito este documento foi escrito?
- 2) Em que data e onde ele foi escrito?
- 3) De acordo com a fonte, quais os impactos da Transamazônica e outras rodovias para os rios e o meio ambiente?

- 4) Como a Transamazônica e estes impactos ambientais afetaram os Waimiri-Atroari? A rodovia trouxe algum benefício para este povo? Comente.
- 5) Por que os EIA-RIMA e os institutos de preservação ambiental não se preocuparam em registrar estes impactos ambientais e humanos? Essas instituições cumpriram o seu dever?
- 6) Comparando o depoimento indígena feito na Comissão da Verdade e o manifesto dos rios (documentos 6 e 7), como a Transamazônica afetou todo o ecossistema amazônico, incluindo os indígenas, os rios e a floresta?
- 7) Levando em consideração as temporalidades a que se referem a fala de Médici, no depoimento indígena feito na Comissão da Verdade e no manifesto dos rios (documentos 1, 6 e 7), qual a articulação que se pode notar entre o discurso desenvolvimentista e seu impacto ambiental?
- 8) É possível dizer que houve uma permanência desses impactos promovidos desde a década de 1970 na região? Justifique.

DOCUMENTO 8

- 1) Em qual ano foi publicado o documento e em qual jornal?
- 2) Qual é o nome completo do livro? Quem é o autor do livro?
- 3) A capa do livro é ilustrada por qual imagem, como ela se relaciona com a temática do livro?
- 4) O que foi o “milagre econômico brasileiro” durante a ditadura militar?
- 5) Sobre qual população o livro fala?
- 6) Quais as consequências do “milagre econômico” para a floresta Amazônica e os povos indígenas?

DOCUMENTO 9

- 1) A partir de uma análise da imagem, é possível comparar esse veículo com algum dos meios de transporte de passageiros conhecidos na atualidade?
- 2) Segundo o documento qual governo transformou em estratégia de Estado a ocupação da Amazônia?
- 3) De qual região originaram-se os trabalhadores que atenderam a convocação?
- 4) O que motivava esses homens a enfrentar tantos riscos nessa viagem para longe de suas origens?
- 5) Em qual década a ocupação da Amazônia foi implementada?
- 6) Segundo o documento, qual governo criou o lema “Integrar para não entregar?”
- 7) Qual a mensagem contida nesse lema e no que ela se baseia?
- 8) A pretendida integração beneficiou a massa trabalhadora que atendeu a convocação para a ocupação? Justifique.
- 9) Levando em conta as notícias diariamente veiculadas sobre a região e sobre as condições de vida das populações da Amazônia, pode-se afirmar que o desenvolvimento prometido beneficiou essas populações? Comente.
- 10) Comparando a imagem com o documento 3, podemos deduzir que a chegada massiva desses trabalhadores contribuiu para o aumento do garimpo e suas consequências para as comunidades indígenas? Explique.

DOCUMENTO 10

- 1) Segundo o documento, qual o tamanho do território ocupado pelos povos indígenas na Amazônia?
- 2) Quantos povos indígenas viviam nesse território?
- 3) Quem foi Chico Mendes e qual a importância da sua luta?
- 4) Além dos povos indígenas, quais outras populações compõem as comunidades tradicionais da Amazônia?
- 5) Qual o estado com maior número de comunidades quilombolas na Amazônia Legal?
- 6) Quem são os piaçabeiros?
- 7) Qual o trabalho desenvolvido pelos peconheiros?
- 8) O que são palafitas?
- 9) O texto aponta a importância do modo de vida das populações tradicionais para a preservação da biodiversidade, tanto da floresta quanto dos rios. Fale sobre o que compreendeu a respeito.
- 10) Pode-se dizer que as populações ribeirinhas e quilombolas assimilaram parte dos trabalhadores atraídos nas décadas de 1960 e 1970 para povoar a Amazônia? Explique.
- 11) Compare a proposta de exploração agrícola da SUDAM (documento 4) com a proposta apresentada pelos povos da floresta (indígenas, quilombolas e ribeirinhos).

DOCUMENTO 11

- 1) Em qual ano o texto foi publicado?
- 2) Qual instituição realizou a pesquisa?
- 3) Sobre o que trata a pesquisa?
- 4) O texto do Instituto Socioambiental começa com a frase *“As florestas precisam das pessoas, assim como as pessoas precisam das florestas”*. Explique essa frase, a partir da leitura do texto.
- 5) Com base no documento, aponte o total de terras protegidas e, desse total, qual o percentual de áreas ocupadas por comunidades tradicionais.
- 6) Esta fonte enfatiza a importância dos povos indígenas para a preservação da floresta. Comparando com o documento 10, você concorda ou discorda dessa afirmação? Relate.
- 7) Quantas terras indígenas foram demarcadas durante o último governo 2019-2022? Explique.
- 8) Qual o percentual de aumento do desmatamento apontado pelo documento, até 2022, se comparado com 2016 a 2018?
- 9) Entre 2018 e 2022 a FUNAI teve imensa redução nos recursos destinados à sua atuação na proteção de terras indígenas. Qual o valor monetário dessa redução?
- 10) De que forma essa redução compromete o trabalho do órgão?
- 11) A considera urgente a retomada da demarcação de terras indígenas?
- 12) Os documentos 8 e 11 apresentam informações e dados de estudo do Instituto Socioambiental, mais conhecido pela sigla ISA. Você já conhecia o trabalho do instituto? Comente sobre o trabalho do ISA a partir dos documentos analisados.

QUESTÕES PARA UM BALANÇO FINAL

- 1) Qual a visão do governo militar sobre a Amazônia e os povos indígenas?
De que modo essa visão sobre a Amazônia e os povos indígenas se faz presente no discurso de outros governos presidenciais ?
- 2) Com base no estudo dos documentos, resuma o aprendizado adquirido a partir das informações apresentadas nos documentos.
- 3) Complete o quadro comparativo:

Documento	Ano	Tipo de Documento	Personagens presentes no documento	Temática do documento
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				

DOCUMENTO 1

Pronunciamento feito pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, em Manaus, na Reunião Extraordinária da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em 08 de outubro de 1970.

Brasileiros da Amazônia, homens de todo o Brasil. Venho à Amazônia sob o signo da fé. [...] Venho para trazer à gente desta terra a crença de meu governo e o entusiasmo do Brasil inteiro nos destinos da Amazônia. E, por isso mesmo, quero ser, aqui, mais do que nunca, realista e verdadeiro, para não ser, um instante sequer, messiânico, fantasista ou promotor, na terra em que tudo sempre se permitiu à imaginação[...]

A Amazônia ainda não encontrou sua vocação econômica. O café e o cacau, a madeira e a borracha, o boi, a juta e a castanha têm sido momentos passageiros de riqueza; momentos que não trouxeram mais duradouras mudanças na infraestrutura socioeconômica. [...] Somente depois da Revolução é que vieram os tratores e o idealismo da engenharia militar, desvendando e aproximando a Amazônia. [...] O coração da Amazônia é o cenário para que se diga ao povo que a Revolução e este governo são essencialmente nacionalistas, entendido o nacionalismo como a afirmação do interesse nacional sobre quaisquer interesses e a prevalência das soluções brasileiras para os problemas do Brasil[...]

O atraso e a pobreza da Amazônia e do Nordeste, além de social e politicamente inaceitáveis, têm repercussões negativas que chegam a prejudicar fortemente a produção e a economia do Centro-Sul. Por não constituírem um mercado consumidor com efetivo poder de compra, essas duas regiões não participam substancialmente do mercado interno brasileiro, não contribuem para a diluição dos custos da produção industrial e, por sua baixa produtividade, deixam de fornecer matérias-primas necessárias à indústria do Centro-Sul[...]

Cumpra, pois, conhecê-la mais a fundo, visto que sem possuir dados concretos que se situem além da lenda, da ficção e do imediatismo, ninguém pode garantir agora qual seja a sua vocação nem oferecer-lhe o milagre de romper, em econômica, curto prazo, o seu isolamento geoeconômico, desencadeando o processo de seu desenvolvimento em bases equilibradas e permanentes, rentáveis e autossustentáveis. [...] Estaremos, assim, facilitando o esforço de ocupação e desenvolvimento da Amazônia — imperativo do progresso e compromisso do Brasil com a sua própria História.[...] Trago à Amazônia a confiança do Governo e a confiança do povo em que a Transamazônica possa ser, afinal, o caminho para o encontro de sua verdadeira vocação econômica e para fazer-se mais próxima e mais aberta ao trabalho dos brasileiros de todas as partes[...]

Aos participantes da epopeia da construção e colonização da Transamazônica e de outras vias de desbravamento, que Deus haverá de me conceder coragem de iniciar ao Sul e ao Norte do rio-mar, confio em que não haverá de faltar todo um sistema de proteção da vida humana.

Glossário:

- **Emílio Garrastazu Médici:** foi o 28º presidente do Brasil e o 3º presidente do período da ditadura militar brasileira. Governou o Brasil entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974.
- **Transamazônica:** a BR-230, mais conhecida como Transamazônica, é uma rodovia federal com cerca de quatro mil quilômetros de extensão. É a terceira maior rodovia do país, percorrendo os estados da Paraíba, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. Foi construída no decorrer do governo de Emílio Garrastazu Médici, entre os anos de 1969 e 1974.

DOCUMENTO 2

Ferro, Estanho e Ouro: A Amazônia Vai Ficar Rica. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1970.

Ferro, estanho e ouro: a Amazônia vai ficar rica

As pesquisas feitas este ano pelo Ministério de Minas e Energia descobriram na Serra dos Carajás, no sudeste do Pará, uma reserva ferrífera de 400 milhões de toneladas, com espessura média de 100 metros e afloramento na extensão de 80 quilômetros, desde a Serra Norte até a Serra Sul. É uma formação com ferro de alto teor, constituída principalmente de itabirito e de lentes de hematita-magnetita. Ela começa em Marabá, nas margens do Rio Tocantins e pode ser aproveitada rapidamente, porque fica no trecho da estrada mais fácil de ser construído.

Outra grande jazida de ferro foi encontrada na região do Xingu, nas margens do Rio Noja e de acordo com a conclusão do Ministério, "as inferências geológicas permitem supor que as reservas sejam da mesma ordem de grandeza que as do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais".

Além das formações ferríferas, investigações feitas na região de Marabá constatarem a existência de ouro, diamante e cristal de rocha. Em consequência disso, o Ministério de Minas e Energia estabeleceu o Projeto Marabá, para pesquisas na região.

A Companhia Vale do Rio Doce também já está instalada na região e assinou acordo com a United States Steel para pesquisas adicionais de reservas de ferro na região.

Ainda perto de Marabá, ao longo do Rio Tocantins, desde São João do Araguaia até Arumateia, está um dos mais importantes distritos diamantíferos do Brasil. A exploração ali é feita em regime de garimpo (como em toda a Amazônia, não há exploração em termos industriais) desde a década de 30, mas a produção chega a atingir 10% do total da produção nacional (o que dá 20 a 30 mil quilates anuais). São diamantes de excelente qualidade e 85% das pedras recolhidas são boas para a lapidação.

Entre Itaituba e Jacareacanga, no médio Tapajós, estão os depósitos de ouro mais importantes da região. Ele aparece num leito de cascalho mal selecionado, com espessura média de 20 centímetros. O teor de exploração é de 5 gramas por metro quadrado. Agora, o governo determinou a execução do Projeto Tapajós, que vai investigar 115 mil quilômetros quadrados na área, para pesquisar ouro e estanho. A cassiterita (matéria-prima do estanho) é a principal riqueza da região. Ali, há dezenas de campos clandestinos, para aviões que fazem o contrabando do mineral. E as reservas são estimadas em 2 milhões de toneladas (o consumo atual do Brasil é de 2 mil toneladas/ano). A cassiterita tem alto preço no mercado mundial e deverá sair pela rodovia até o Tapajós, onde será embarcada em barcaças granelizadas e depois, em Santarém, diretamente da barcaça para o navio.

A estrada vai começar no litoral, aproveitar algumas já existentes. Depois, alcança as cidades do Tocantins, como Jabotá e Marabá; Altamira, no Xingu; e continua para a selva. Vai chegar à fronteira do Peru, depois até Lima.



Altamira, nas margens do Xingu, é uma das cidades mais importantes da Amazônia. Já está sofrendo os problemas do progresso: os preços subiram. Cerveja custa Cr\$ 5,00



Em Marabá a selva não é tão densa e a estrada sobe e desce. O terreno é ondulado e ali trabalham tratores na derrubada das árvores. É a frente mais mecanizada.

DOCUMENTO 3

Glossário:

- **Kayapó:** são um grupo étnico jê, habitantes da Amazônia brasileira.
- **Munduruku:** habitam as áreas indígenas no sudoeste do estado do Pará, leste do estado do Amazonas e no oeste do estado do Mato Grosso. Falam a língua munduruku, a qual pertence ao tronco linguístico tupi.
- **Yanomami:** são um grupo de aproximadamente 35 mil indígenas que vivem em cerca de 200 a 250 aldeias na floresta amazônica, na fronteira entre Venezuela e Brasil. Compõe-se de quatro subgrupos: yanomae, yanomami, sanima e ninam. Fala uma língua própria: juntas, compõem a família linguística yanomami.
- **Ye'kwana:** grupo indígena que habita o noroeste do estado de Roráima, porém a maior parte de sua população vive em território venezuelanos nos estados Amazonas e Bolívar.
- **Xikrin:** são um subgrupo dos caiapós, que habita entre os rios brasileiros do Xingu e Tocantins, no estado do Pará.
- **Mercúrio:** este elemento químico se acumula ao longo da cadeia alimentar, causando a contaminação de peixes e o risco de envenenamento de quem deles se alimenta, a intoxicação por mercúrio pode provocar danos ao sistema neurológico. As consequências podem variar desde dores no esôfago e diarreia a sintomas de demência, depressão, ansiedade, dentes moles por inflamação e falhas de memória. Para o garimpeiro, o que importa são outras propriedades do mercúrio. Primeiro, a capacidade de se unir a outros metais e formar amálgamas, o que é fundamental em garimpos, onde os minúsculos grãos de ouro precisam ser separados dos sedimentos dragados de leitos de rios ou da terra escavada.

DOCUMENTO 4

Propaganda da SUDAM. Jornal O Globo, 1972.

Toque sua boiada para o maior pasto do mundo.

Na Amazônia a terra é barata, e sua fazenda pode ter todo o pasto que os bois precisam.

Nem feno ou estragem custando o centim, o gado fica bofeto de janeiro a dezembro.

E, para ir para a Amazônia, você escolhe a ajuda que quiser.

Com um projeto aprovado pela

Sudam, sua empresa receberá incentivos fiscais de milhares de empresas do tipo o país.

E, com o investimento agrário do Banco da Amazônia, você tem todo o apoio de que precisa.

Quando chegar a hora de vender o gado, as notícias serão ótimas.

É que a produção atual da região Norte é muito menor que seu consumo. E, quando essa produção alcançar 1 milhão de cabeças por ano, haverá um déficit de 1 milhão de cabeças.

É também as portas que embarcam carne para a Europa e EUA.

Por falar nisso, a carne será

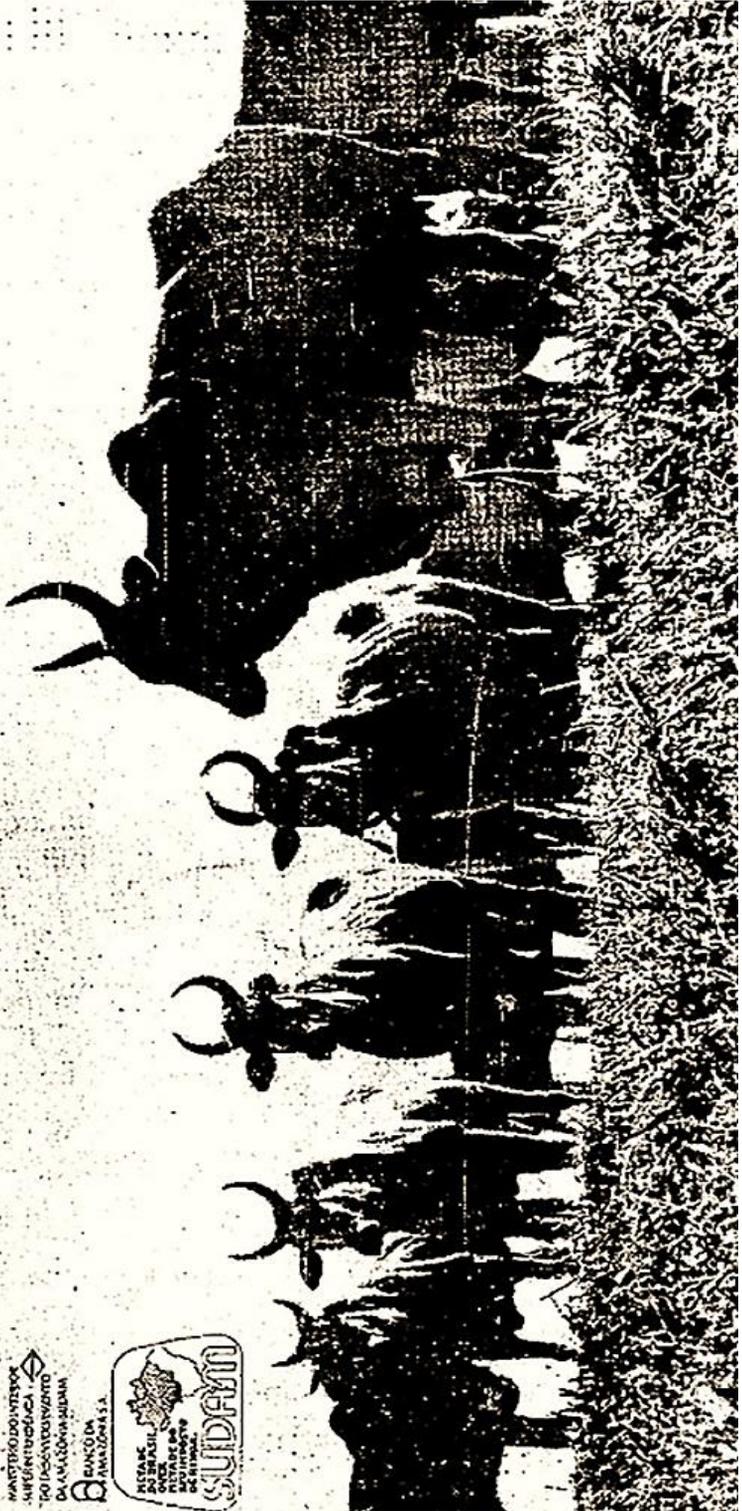
gordura do zebu é a mais procurada no mercado internacional.

É por isso tudo que mais de 300 empresas agropecuárias já estão se instalando na Amazônia.

Essa gente foi para lá movida por um forte impulso pioneiro, patriótico e empresarial.

MINISTÉRIO INTERIORES
SUPERINTENDÊNCIA
DO DESENVOLVIMENTO
DA AMAZÔNIA SUDAM

BANCO DA
AMAZÔNIA S.A.



DOCUMENTO 4

Glossário:

- **SUDAM:** autarquia do governo federal criada nos anos 1960 para promover o desenvolvimento da região amazônica por meio de planejamento, articulação e fomento de políticas públicas, assim como de instrumentos de ação (como incentivos fiscais e fundos públicos) voltados para o estímulo e atração de investimentos privados, nacionais e internacionais para a região.
- **Governo da época:** governo Médici.
- **Ditadura militar:** foi um regime em que membros das Forças Armadas centralizaram o poder do Estado em suas mãos, sendo autoritário e ditatorial, excluindo a maior parte da população brasileira das decisões institucionais, que durou de 1964 até 1985.

DOCUMENTO 5

Com Bolsonaro Desmatamento na Amazônia Cresce 150%, Pior Marca Já Registrada Pelo Imazon

Com devastação recorde em 2022, floresta perdeu o equivalente aos estados de Alagoas e Sergipe nos últimos quatro anos

Murilo Pajolla

Brasil de Fato | Lábrea (AM) | 20 de Janeiro de 2023



O desmatamento na [Amazônia](#) bateu o quinto recorde anual seguido em 2022 e atingiu a maior destruição dos últimos 15 anos, quando começou a série histórica da pesquisa. Com 10.573 quilômetros quadrados de área derrubada, a floresta perdeu em média quase 3 mil campos de futebol por dia no último ano.

Os números foram divulgados na quarta-feira (18) pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) e obtidos via monitoramento por satélites.

Entre 2019 e 2022, durante o mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), a área derrubada atingiu 35.193 quilômetros quadrados. O tamanho é maior do que os estados de

Sergipe e Alagoas juntos. Na comparação com os quatro anos anteriores, o aumento foi de quase 150%

80% das áreas desmatadas no ano passado pertencem ao governo federal. Nesses territórios, a devastação cresceu 2% em relação a 2021. Apenas 11% do desflorestamento ocorreu em terras estaduais, mas foi nelas onde houve o maior salto de devastação de um ano para o outro: 11%.

DOCUMENTO 5

Esperamos que esse tenha sido o último recorde de desmatamento reportado pelo nosso sistema de monitoramento por satélites, já que o **novο governo** tem prometido dar prioridade à proteção da Amazônia", disse Bianca Santos, pesquisadora do Imazon, em nota divulgada pelo Instituto.

Para atingir a redução dos índices, Santos afirma que será preciso "máxima efetividade" no combate ao desmatamento, como a retomada da regularização de terras indígenas, a reestruturação dos órgãos de fiscalização e do estímulo à geração de renda com a floresta em pé.

Corrida pela devastação

Embora com uma margem de diferença, os dados do Imazon são compatíveis com os do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (**Inpe**), ligado ao governo federal, divulgados no início de janeiro. Ambos os monitoramentos apontaram uma corrida pela devastação da floresta em dezembro de 2022. Segundo o Imazon, a derrubada cresceu 105% em relação ao mesmo mês de 2021, batendo o recorde da série histórica do Instituto.

O coordenador do Programa de Monitoramento da Amazônia do Imazon, Carlos Souza Jr, diz que houve uma "corrida desenfreada para desmatar enquanto a porteira estava aberta para a boiada".

O aumento da destruição é compreendido como uma reação ao início do governo Lula, que prometeu zerar o desmatamento até 2030. "Isso mostra o desafio do novo governo [federal]", comentou.

"Amacro": nova fronteira do desmatamento

Desde 2019, Pará, Amazonas e Mato Grosso lideram o ranking estadual de desmatamento do Imazon. Em 2022, eles foram responsáveis por 76% de toda a floresta derrubada.

O maior aumento de um ano para o outro ocorreu no Amazonas e foi de 24%. O Imazon diz que o principal foco é na tríplice fronteira estadual Acre e Rondônia, área conhecida como "**Amacro**", junção das siglas dos estados.

Nessa região se consolidou uma nova frente de expansão agropecuária durante o governo Bolsonaro, impulsionada pelo enfraquecimento da fiscalização e o incentivo ao agronegócio predatório.

"Estamos alertando sobre o crescimento do desmatamento na Amacro pelo menos desde 2019, porém não foram adotadas políticas públicas eficientes de combate à derrubada na região, assim como em toda a Amazônia, resultando nesses altos números de destruição em 2022", lamentou o coordenador do Programa de Monitoramento da Amazônia do Imazon.

DOCUMENTO 6

Memórias invisíveis: a construção da Transamazônica nos relatos dos povos indígenas do sul do Amazonas.

É sobre a Transamazônica que quando ela chegou ela trouxe vários tipos de doença como coqueluche, sarampo e no mesmo tempo ela dividiu o cemitério também e dividiu a roça também, mexeu com a roça e a gente, pra nós a gente perdeu muito os nossos parentes (...) ele perdeu os avós, perdeu o tio, perdeu o pai, perdeu a família toda né e então isso, ainda usaram ele pra construir a Transamazônica né, ele construiu, ajudou, os Tenharim ajudaram a construir como escravidão[...] Transamazônica quando chegou foi muita mortalidade, não foi dez nem vinte não, é muito mortalidade, criança, jovem, mulher, homens, recém-nascidos, tudo foi de cinco a seis dias que foi morto, eu vi. (...) jogaram o nosso cemitério, mataram muito numeroso de Tenharim, muito, não foi só um não nem cem não, é muito, hoje a maioria das aldeias tem pouco, nós não recuperamos, não sei quando que nós vamos recuperar.
(discurso proferido por um indígena, membro do povo TANHARIM, da região sul do estado do Amazonas, na Comissão da Verdade, em 2013, p. 10)

Glossário:

- **Tanharim:** povo indígena que habita na região sul do estado do Amazonas.
- **Comissão da Verdade:** a Comissão Nacional da Verdade, também conhecida pela sigla CNV, foi uma comissão criada pelo governo do Brasil pela Lei 12528/2011 em 16 de maio de 2012. Teve como finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

DOCUMENTO 7

Manifesto de indignação e repúdio das organizações populares, sindicais de Altamira e região ao presidente da Assembleia Legislativa do Pará: “o desenvolvimento que queremos” - Altamira-PA, 29 de abril de 2002.

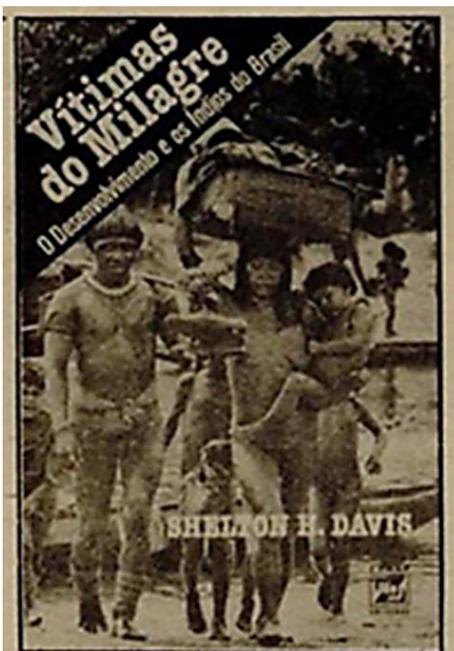
A rodovia Transamazônica está mantendo igarapés represados, matando a rede hídrica da região. As outras estradas que serão construídas na Volta Grande vão agravar essa situação com desmatamentos e morte dos igarapés que alimentam o Xingu e irrigam as terras. [...] Impactos como estes os EIA-RIMA (Estudos de Impacto Ambiental e Relatórios de Impacto Ambiental) nem registram. O exemplo de Balbina nos demonstra como as estradas acabaram com os pequenos rios, inclusive a rodovia que liga Manaus a Boa Vista, que afetou a terra dos Waimiri-Atroari. São perdas na natureza que não tem dinheiro que pague. (p. 10-11)

Glossário:

- **Waimiri-Atroari:** povo indígena que habita na região sudeste do estado de Roraima e na região nordeste do estado do Amazonas.
- **Igarapé:** curso de água de pouca profundidade, estreito e navegável apenas por pequenas embarcações. São muito utilizados pelos indígenas para sua hidratação e limpeza e como via de transporte.

DOCUMENTO 8

Propaganda do livro *Vítimas do Milagre: O Desenvolvimento e os Índios do Brasil*, de Shelton H. Davis, no *Jornal de Caxias*, 18 de novembro de 1978.



VÍTIMAS DO MILAGRE

O Desenvolvimento e os Índios
do Brasil

Shelton H. Davis.

Este livro é o retrato da atual situação das populações indígenas da Amazônia, acudadas, doentes e em vias de extinção, impotentes ante o avanço inexorável do "Milagre Econômico Brasileiro", que, através da presença maciça das mais diversas empresas na região, muitas delas estrangeiras, promove uma verdadeira devastação da rica natureza, destruindo a fauna, a flora e, mais grave ainda, a própria população. Leitura obrigatória para compreensão do problema do do índio. Lançamento da ZAHAR, 1978, 208 páginas.

DOCUMENTO 8

Glossário:

- **Milagre Econômico:** Entre 1969 e 1973, a economia brasileira registrou taxas de crescimento que variavam entre 7% e 13% ao ano. O setor industrial se expandia e as exportações agrícolas aumentaram significativamente. A fim de sustentar e ampliar o desenvolvimento e crescimento da economia, o governo investiu grandes somas de recursos financeiros em infraestrutura (construção de grandes estradas, pontes, hidrelétricas, etc.).

DOCUMENTO 9

Linha do Tempo: Entenda Como Ocorreu a Ocupação da Amazônia

Fabírcia Peixoto - BBC Brasil em Brasília - 22 julho 2009



Borracha, madeira, soja, minério, pecuária - ou simplesmente o sonho de ter um pedaço de terra. Foram muitos os motivos que, historicamente, levaram brasileiros de todas as regiões à Amazônia.

Há sinais desse movimento desde a época do descobrimento, mas foi no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) que a colonização da floresta passou a ser vista como estratégica para os interesses nacionais. Era a época da Marcha para o Oeste.

Foram anos de incentivos governamentais à exploração da floresta. Estradas foram abertas para facilitar o desenvolvimento da região. Durante a ditadura militar, a política para a Amazônia ficou conhecida pelo lema "Integrar para não Entregar".

Junto com a ocupação e o desenvolvimento da região veio também a destruição do bioma. Estima-se que, na década de 1970, as derrubadas tenham atingido 14 milhões de hectares, número que deve chegar a 70 milhões de hectares nos dias atuais.

Para jovens nascidos nos últimos 30 anos, a imagem acima, por si, não tem significado. Entretanto, ela retrata o meio de transporte utilizado para transportar trabalhadores, atraídos pela promessa de enriquecimento nas terras da Amazônia brasileira. Junto aos rios, as estradas abertas nas matas eram o único meio de se adentrar cada vez mais na floresta.

DOCUMENTO 10

Os Povos da Floresta

Pelo mundo afora, uma importante referência que se faz à Amazônia é sua enorme floresta e, além disso, aos indígenas que ali habitam. De fato, o bioma reúne a maior parte dessa população no Brasil, são cerca de 440 mil indígenas. São mais de 180 povos indígenas, além de vários grupos isolados vivendo no bioma. Ocupam uma área de cerca de 110 milhões de hectares. Para se ter uma ideia da grandiosidade, a terra Yanomami, localizada em Roraima e no Amazonas, possui mais de 25 mil indígenas. As terras indígenas possuem um papel fundamental para garantir a proteção dos direitos e da identidade desses povos, cujos meios de vida possibilitam a manutenção da floresta e de seus recursos há tantas gerações.

No entanto, não são somente povos indígenas que vivem no bioma. Isso foi evidenciado pela luta de Chico Mendes⁴ na década de 80, quando trouxe a atenção da mídia mundial para a questão dos seringueiros, que lutavam contra a derrubada da floresta. O ofício poderia ser como qualquer outro, mas, por depender diretamente da extração da seringa, exigiu dos seringueiros agir com “unhas e dentes” para proteger a floresta e o direito deles de viverem do extrativismo. Essa luta deu origem às primeiras reservas extrativistas do Brasil, em 1990, e se tornou símbolo da possibilidade de se tirar proveitos e recursos da floresta, mantendo-a em pé.

Embora não tão conhecidas como os povos indígenas e seringueiros, há também outras populações tradicionais nos meandros do bioma, como quilombolas, ribeirinhos, pescadores e pescadoras artesanais, agricultores familiares, piaçabeiros, peconheiros, e outros.

Os quilombos, comunidades constituídas por homens e mulheres escravizados, que fugiram na época da escravidão, estão também na Amazônia. No bioma, há particularidades na formação dessas comunidades, pois muitas delas reuniram índios, mestiços e brancos junto aos negros escravizados. Segundo o projeto Nova Cartografia Social Brasileira, foram mapeadas mais de 1.000 comunidades quilombolas na Amazônia Legal, assim distribuídas: cerca de 750 no Maranhão, mais de 400 no Pará, quase 100 no Tocantins e dezenas no Amapá, Amazonas e Rondônia.

As populações tradicionais de seringueiros, piaçabeiros, pescadores, peconheiros etc., foram assim designados devido ao ofício que desempenham e que, reconhecendo a importância de se organizarem para lutar por seus direitos, vêm buscando fortalecer sua identidade. Por exemplo, os piaçabeiros vivem da extração da fibra da palmeira da piaçava (utilizada na fabricação de vassouras), do tupi “planta fibrosa”, é uma das principais atividades econômicas das populações que habitam o médio e alto Rio Negro e seus afluentes, no Amazonas⁵. Os peconheiros, denominam os extrativistas de açai, que se arriscam no topo das palmeiras e lutam por regulamentações do trabalho, garantindo melhores condições para exercerem suas atividades.

Importante mencionar os ribeirinhos, um conjunto de populações que, apesar das pressões do mundo, ainda mantêm um estilo de vida tradicional baseado na pesca. É comum noticiar a Amazônia com seus rios entremeados de palafitas de madeira (casas construídas sobre troncos ou pilares para evitar que se alaguem). A pesca é a principal fonte de proteína dessas populações locais, mais importante ainda do que a caça.

DOCUMENTO 10

Toda essa diversidade étnica e populacional dialoga com o manejo sustentável para a conservação da biodiversidade. Os povos e comunidades tradicionais da Amazônia encontram na caça, pesca e no extrativismo fonte de alimentação e renda. Além disso, alinham a esse modo de vida conhecimentos tradicionais que contribuem para a conservação do bioma e, assim, para a manutenção dos serviços ecossistêmicos. Essas populações domesticaram diversas espécies frutíferas da região o que reforça o potencial dessa atividade para o desenvolvimento sustentável da Amazônia.

A garantia e proteção dos territórios tradicionais é fundamental para a manutenção das funções ecológicas do bioma e toda sua biodiversidade e para o desenvolvimento justo e sustentável. As práticas dos povos e comunidades possuem tradicionalmente uma lógica de manejo para a sustentabilidade, muitas vezes renegada pela sociedade, mas que vem se mostrando a alternativa mais viável para a sobrevivência da Amazônia.

Glossário:

- **Chico Mendes:** foi um importante líder seringueiro, mundialmente conhecido, nascido em Xapuri/AC. Ambientalista, sindicalista, defendia a preservação da floresta amazônica e o extrativismo sustentável de seus recursos. Usou sua voz para denunciar a grilagem de terras, cuja ação aumentava o desmatamento e prejudicava o modo de vida das populações tradicionais. Foi assassinado por uma família de grileiros, em dezembro de 1988. Dá nome ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICM Bio).
- **Amazônia Legal:** Território que engloba 9 estados, pertencentes à Bacia Amazônica: Acre, Amazonas, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

DOCUMENTO 11

Estudo Comprova Que Povos Indígenas e Tradicionais São Essenciais Para a Preservação das Florestas

Tainá Aragão - Jornalista do ISA

Terça-feira, 9 de Agosto de 2022

“As florestas precisam das pessoas, assim como as pessoas precisam das florestas”. Essa é a síntese de novo estudo do Instituto Socioambiental (ISA), que comprova com dados o papel fundamental de Povos Indígenas e Tradicionais como guardiões das florestas do Brasil.

Segundo a análise, além da alta tecnologia social no manejo tradicional das florestas, a presença de Povos Indígenas amplia a governança sobre os territórios e promove contribuições socioambientais importantes para recuperar áreas degradadas.

Os resultados mostram que os Povos Indígenas e Tradicionais são responsáveis, juntos, pela proteção de um terço das florestas no Brasil. Nos últimos 35 anos, somente as Terras Indígenas protegeram 20% do total de florestas nacionais.

O estudo do ISA revelou ainda que as Terras Indígenas e as Reservas Extrativistas apresentaram melhor performance na proteção das florestas quando comparadas com Unidades de Conservação de proteção integral ou Áreas de Proteção Ambiental (APAs). Os territórios de ocupação tradicional também funcionam como barreiras contra o desmatamento.

Atualmente, 40,5% das florestas brasileiras estão protegidas no sistema nacional de áreas protegidas, que engloba Terras Indígenas, Territórios Quilombolas e Unidades de Conservação. No entanto, as áreas protegidas com presença de Povos Indígenas e populações tradicionais – Terras Indígenas, Territórios Quilombolas, Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável – protegem um terço, cerca de 30,5% das florestas no Brasil.

Nos quatro tipos de territórios, os índices de preservação e regeneração florestal são maiores em comparação com outras categorias de áreas protegidas. Já os ciclos de alternância entre desmatamento e regeneração em uma mesma área são menores, o que revela uma intensidade de manejo da paisagem que não degrada as florestas.

Os altos índices de preservação revelados pelo estudo se dão pelo conjunto de conhecimentos e práticas dos Povos Indígenas e Tradicionais no manejo das florestas. Segundo Antonio Oviedo, coordenador do Programa de Monitoramento do ISA, esse resultado só é possível porque esses povos têm formas de convívio com a natureza que refletem a essência de qualquer estratégia de conservação ambiental.

“Povos Indígenas e populações tradicionais possuem outras concepções de natureza e, conseqüentemente, outras formas de interagir com o meio ambiente. Os saberes desses povos e suas práticas de manejo estão mesclados às paisagens. Além disso, os modos de ocupação tradicional promovem barreiras contra o desmatamento e favorecem a regeneração florestal”, explica.

Povos Indígenas = floresta em pé

Em todo o território nacional, não somente na Amazônia, é possível observar o papel das Terras Indígenas na proteção das florestas.

Nos últimos 35 anos, as Terras Indígenas atuaram como grandes barreiras contra a degradação das florestas.

DOCUMENTO 11

Veja o gráfico abaixo e entenda o papel das populações indígenas como vetores de preservação, por região:

Área Preservada - % da área total (a)							
Ocupação tradicional	Amazônia	Cerrado	Mata Atlântica	Caatinga	Pantanal	Pampa	Brasil
Terra Indígena	95	89	37	46	85	72	89
Quilombo	56	68	37	43	-	55	49
UC - OT permitida	95	91	85	49	-	-	94
UC - OT tolerada	97	57	50	89	-	-	88
UC - OT não permitida	97	87	83	87	98	69	87
UC sem restrição	70	57	42	67	-	65	55

A demarcação de Terras Indígenas têm sido uma das estratégias mais eficazes para proteger a floresta. Contudo, nos últimos anos, sobretudo no governo de Jair Bolsonaro, nenhuma Terra Indígena foi demarcada – nem mesmo protegida com o apoio do Estado.

O cenário de abandono se reflete nos altos índices de desmatamento no interior das Terras Indígenas. Nos últimos três anos, houve um aumento de 138% do desmatamento, se comparado com os três anos anteriores (2016 a 2018) do atual governo, segundo dados do Prodes analisados pelo ISA.

Por sua vez, o desmonte dos órgãos ambientais ampliou ainda mais os retrocessos. A Fundação Nacional do Índio (Funai) perdeu 21,5% de seus recursos, como apontou estudo do ISA e da UFRJ. Entre 2018 e 2022, houve redução de quase um quarto dos recursos destinados ao órgão, de R\$ 715,7 milhões para R\$ 561,6 milhões.

“É urgente a retomada do processo de demarcação das Terras Indígenas. Além disso, é necessária a criação de políticas públicas para fortalecer a proteção e gestão das áreas protegidas, bem como para a restauração ambiental das zonas de amortecimento”, afirma Oviedo.